Espelhos que não nos refletem:
O capitalismo de dados e a colonização da imagem, apontamentos a partir do episódio *Nosedive* de *Black Mirror*[1]

Ana Otero de Oliveira Mendonça [2]

Monique Vandresen[3]

Resumo expandido Painel Temático

Neste ensaio apresenta-se a problemática da colonização estética via análise de um produto da indústria cultural, revelando procedimentos de controle e dominação das esferas subjetivas na contemporaneidade das redes sociais digitais. Esse texto também é parte das reflexões realizadas a partir do seminário[4] de pesquisa que compõe o processo de doutoramento em artes cênicas. Sendo assim, proponho que, a partir desta análise, seja possível apontar fatores de aprofundamento da colonialidade, e observar a sofisticação das técnicas de controle via imagem e vigilância na contemporaneidade. Ao tomar um produto cultural como base de análise o principal interesse é o que esse revela e omite da realidade contextual e refletir suas formas de produção[5] nas estruturas do capital enquanto modo de organização social.

Faço esse movimento de análise social via materialidade artística em referência ao modo de pesquisa realizado por Walter Benjamin (2006) que ao olhar para a obra poética de Charles Baudelaire (1821-1867) "As flores do mal" aponta para as transformações urbanas de Paris no século XIX. As "passagens" às quais se refere são as galerias comerciais, são "arquipaisagem do

---

[1] Trabalho apresentado no (**Painel Temático: 8 -Capitalismo de dados, capitalismo de plataforma e capitalismo algorítmico**) do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

[2] Doutorado em andamento em Artes Cênicas (PPGAC/UDESC) pela linha de pesquisa Imagens Políticas; Mestrado em Ciências da Linguagem (PPGCL/UNISUL) pela linha de pesquisa Linguagem e Cultura , participante do grupo CNPq EPOCA (Estética e Política na Contemporaneidade) e Bacharelado em Naturologia (UNISUL). E-mail: ana.otero.mendonca@gmail.com

[3] Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) e Prof. no programa de pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UDESC). E-mail: mvandresen@gmail.com.

[4] Seminário Temático I - Dialéticas da formação negativa: em busca de uma teoria crítica da história do teatro épico no Brasil (2025/2). Ministrado por Ivan Delmanto Franklin de Matos.

[5] "Resumindo as três formas [produção, circulação, consumo], todos os pressupostos do processo aparecem como seu resultado, como um pressuposto produzido pelo próprio processo. Cada momento aparece como ponto de partida, ponto de transição e ponto de retorno. O processo inteiro apresenta-se como unidade do processo de produção e do processo de circulação; o processo de produção torna-se mediador do processo de circulação, e vice-versa" (Marx, 2019, p.199).

Consumo". Essa arquitetura de consumo sobrevive nos *shoppings centers*, e parece radicalizar seu valores nas plataformas digitais, nas quais cada vez mais a arquitetura digital e de dispositivos tem sido elaborada em função da mercadoria e na intenção de aumentar o consumo, sendo o digital utilizado para compor novas formas de venda e de impulsionar o consumo.

Para analisar as transformações sociais do século XXI, a obra/produto em questão será o primeiro episódio da terceira temporada da série "*Black Mirror*", intitulado *Nosedive* (Queda Livre), lançado em 21 de outubro de 2016. A série de ficção científica de tom surrealista foi elaborada por Charlie Brooker em 2011, inicialmente transmitida pelo *Channe*14 (Reino Unido), e a partir de 2015 passou a ser produzida pela Netflix. O episódio em questão aborda um futuro dominado pela influência e reputação online, organizado a partir de notas online socialmente adquiridas a partir de suas interações sociais. Olhar para essa produção que imagina um futuro revela o nosso presente, e ao convergir temporalidades pode provocar despertares (Benjamin, 2006) para o tempo presente.

A trama se constrói a partir da perspectiva de Lacie Pound, que pretende mudar de casa e, se depara com o fato de não ter dinheiro suficiente, há uma solução: ela pode usar a "nota social" para adquirir a casa, contudo, ela também não tem a nota suficiente. A partir de então, a protagonista se torna obcecada por ser bem notada. Para agilizar seu processo de "subida" nas notas, Lacie aceita o convite de ser dama de honra de uma distante (mas bem notada) colega de infância, Naomi Jayne Blestow. A narrativa transcorre em torno da viagem até esse casamento. No decorrer dela, acompanhamos a experiência em "queda livre" de suas notas, que vão conduzindo a personagem à situações cada vez mais extremas. A série apresenta um teor surrealista ameno de tom palatável. A narrativa apresentada é linear, o modo como os procedimentos de montagem são aplicados, não deixa muito espaço para fragmentação e coexistências, e, dramaturgicamente, parece tocar superficialmente na problemática do poder do digital sobre a vida cotidiana.

Assisto ao episódio *online* em qualquer plataforma não paga, a contrapartida são as propagandas com som bem alto, assistir propaganda é um modo de pagamento, é um trabalho,

porém é não ou pouco remunerado, e geralmente realizado de modo alienado de sua função enquanto trabalho. A venda de tempo, dos dados, da atenção e dos clics, é a intensificação da lógica da mercadoria, pauso a série e resolvo anotar isso: para ter acesso ao produto ou paga-se uma mensalidade financeira em sistema de assinatura, ou se troca por (cliques, tempo e atenção). A exploração indiscriminada de tempo produz o estado de servidão no capitalismo de plataforma, a arquitetura midiática das big techs, os algoritmos e lógica do *scroll* infinito são elaboradas em função da intensificação da exploração dos corpos. A mercadoria transpassa o espaço público e passa a ser vendida no interior do espaço privado, transformando o usuário em consumidor e em última instância a pessoa em produto, considerando o lucro produzido a partir dos dados de navegação do usuário.

O episódio opera uma hipérbole da realidade digital, o que pode atuar enquanto procedimento de despertar crítico. Ao evidenciar as plataformas digitais moldando o comportamento material refletimos o próprio absurdo do presente.Imaginar um futuro distante, mas nem tanto, no qual as pessoas passam o seu tempo olhando para pequenos retângulos luminosos, profeticamente reflete nosso presente de uso frenético dos dispositivos digitais, das telas, esses espelhos escuros (*black mirror*), "espelhos" que não nos refletem mas nos absorvem.

Na realidade social do episódio a vida pessoal se transforma em imagens milimetricamente pensadas, tudo deve ser "instagramavél"[6], a comida deve ser arrumada em função da imagem, a escolha do que se veste, o fundo do ambiente para atuar enquanto cenário das videochamadas, estamos de frente a espetacularização da vida privada. É a radicalização da dominação e controle da imagem sobre os modos de ser e estar na existência. Nos defrontamos com a dramaturgia do absurdo cotidiano: viver em função da rede social, deixá-las definirem relações de trabalho, sociais, financeiras, de status, de mobilidade, de acesso, às decisões

[6] O termo aportuguesado que transforma em adjetivo o nome da rede social *Instagram*, rede focada em imagens. Uma vez li o termo em catálogo de museu para descrever uma exposição artística, a exposição era "instagramavél". Seu objetivo era poder ser replicada e "curtida" nas redes digitais. O império da dominação estética é um valor em ascensão no capitalismo de plataforma. A série não faz menção ao nome de nenhuma rede, o uso desse termo é uma escolha para nomear um exemplo de rede digital que opera a partir da lógica estética apresentada no episódio. Mas o funcionamento imagético é similar no *tik tok, You Tube, Facebook, etc…*

políticas. Essa manipulação do real em função do digital estrutura a estética do capitalismo de plataforma.

Ao observar o episódio enquanto reflexo dos acontecimentos contemporâneos, percebemos caminhos para pensar o duplo processo de digitalização e neoliberalização (Cesarino, 2021). Naquilo que o episódio evita parece que a crítica à neoliberalização imbuída no processo de digitalização não se faz presente, nem os horrores da exploração humana, da catástrofe ambiental e das decisões políticas eleitorais tomadas via estratégia de marketing financeiro, o que parece amortecer a potência de sua acusação crítica. Além do mais, a indústria capitalista pode fazer essas espécies de "autocríticas" com tranquilidade por operar uma estética e um *modus operandis* que lucra da crise, lucra com o anestesiamento, lucra com o descanso, lucra com o cansaço, lucra com a crítica, visto que se especializou em produzir lucro.

A criação dessa reputação online reforça a espetacularização da vida privada, na qual os indivíduos performam a própria existência, ensaiando suas intenções emocionais, assim como Lacie Pound ensaia para o seu discurso como dama de honra. O que está em jogo novamente são os regimes de visibilidade. Como bem descreve Byung- Chul Han (2022, p. 10) "Cada dominação segue sua própria política da exibição". O autor diferencia o poder na soberania no qual a soberania atua via visibilidade teatral do soberano e do regime disciplinar moderno, no qual ocorre o inverso de modo que "o seu poder consiste em se fazer invisível e impõe a visibilidade aos súditos" (Han, 2022, p. 11).

Essa perspectiva corrobora com Giselle Beiguelman quando coloca que: "é esse aspecto indolor e invisível que garante à vigilância algorítmica passar despercebida, como se não existisse. Nada mais coerente com as formas de violência do capitalismo fofinho de nossa época" (2021, p. 139). Os jogos de visibilidade/apagamento operam uma dupla dominação: da imagem e do olhar, seguindo uma arquitetura algorítmica que mantém em um ciclo vicioso pouco aberto ao dissenso. Essa relação com a imagem e com o "modo de ver" aparece na cena em que algo é retirado do olho para cortar a ligação com o dispositivo retangular luminoso. A personagem

estava sob um regime de olhar que é retirado dela. Por fim, o episódio apresenta uma vida que perde sentido quando projetada unicamente para agradar o olhar externo.

Essa visibilidade se pauta na produção de um eu, da narrativa de autorrealização via a mercantilização da identidade, sendo esse fortalecimento da identidade individual a dramaturgia dos *influencers* apresentada por Byung-Chul Han: "A identidade é, ela própria, uma mercadoria" (2021, p. 19). É o que a personagem está fazendo ao longo do episódio, tentando editar sua identidade para poder ter acesso a uma casa, está vendendo a produção de sua identidade. Mas por descontrole emocional de um ataque de raiva, todos ao seu redor "negativam" sua nota; o controle social das imagens e das emoções se escancara enquanto procedimento de controle contemporâneo[7].

Seguindo as investigações sobre as formas de dominação e resistência, Mignolo (2010) escreve sobre a formação de uma *Aesthesis* Decolonial, denunciando a colonialidade estética. Sua argumentação é de que há uma colonização da *aesthesis* pela estética, a sensação passa a ser secundária ao discurso estético sobre o belo (euro-centrado). O valor colonial realiza uma operação cognitiva de dominação ao privilegiar o discurso estético e por isso o autor defende a possibilidade de uma *Aesthesis* decolonial, da sensação como um caminho de escape da lógica colonial. A dominação via imagem também aparece nas argumentações de Aníbal Quijano (2005) ao declarar que somos colonizados pela projeção de uma imagem que não se realiza, uma perspectiva que atua como um espelho que distorce o que reflete, assim sendo "somos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e pertencente unicamente a nós" (Quijano, 2005, p. 118). Então como escapar das tendências dos valores capitalistas? Quais outros imaginários de relação com o digital somos capazes?

Palavras-chave:

Capitalismo de dados; Black-Mirror; Indústria Cultural; *Aesthesis* Decolonial.

[7] Sendo esse um exemplo da expressão do capitalismo de vigilância como apresenta as pesquisas de Giselle Beiguelman: "Nessa situação, todos controlam todos, a partir das interações pessoais, e o rastreamento passa a depender da extroversão da intimidade pessoal do sujeito em rede. Isso porque é essa intimidade o "surplus comportamental" com que as corporações, como Google e Facebook, trabalham, dando concretude ao "capitalismo de vigilância", como denominou a economista Shoshana Zuboff" (Beiguelman, 2021, p.48).

Referências:

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem:** vigilância e resistência na dadosfera. Ubu editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: de. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

CESARINO, Letícia. **Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos:** uma explicação cibernética. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia:** digitalização e a crise da democracia. Editora Vozes, 2022.

MARX, Karl. O CAPITAL-Livro 2: **O Processo de Circulação do Capital**. LeBooks Editora, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Aiesthesis decolonial**. Calle 14: Revista de investigación en el campo del arte, v. 4, n. 4, p. 10-25, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO: Buenos Aires, 2005. pp.227-278.